

Receio é de que índice vá a 30%

MÁRIO AMATO, Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) — "Há o risco de hiperinflação, na medida em que o déficit continua aberto e a sociedade não se dispuser mais a financiá-lo. Isso poderá ocorrer por dois motivos: se a sociedade acreditar que o Governo não arcará com seus compromissos financeiros, seja por decisão política, seja pela sua incapacidade de pagamento, ou se o indexador utilizado pelo Governo provocar a sensação de perda por parte dos poupadores. A consequência seria a inevitável expansão da base monetária enquanto os reflexos sobre os preços seriam explosivos.

LUIZ CARLOS BRESSER PEREIRA, ex-Ministro da Fazenda — "Não há razão para pânico e não creio que a inflação chegue a 30% a curto prazo. A inflação continuará entre 24% e 25%, porque com a indexação existente na economia não há motivos para que ela se desorganize totalmente. Se o Governo fizer apenas um choque fiscal (antecipação do recolhimento dos impostos federais, turno único para o funcionalismo federal e demissão de milhares de servidores), como já admitem alguns técnicos do Ministério da Fazenda, caso a inflação mude de patamar em agosto, não vai funcionar.

"Temos de fazer uma política em que todos participem igualmente do sacrifício. É preciso que o Governo participe fazendo um corte fiscal violento, mas é necessário que os empresários também contribuam abrindo mão de todos os incentivos e subsídios dos quais se beneficiam atualmente e que os credores tenham parte de seus créditos cortados. A adoção apenas de um choque fiscal é absurda. O melhor seria continuar segurando as pontas como o Ministro Mailson da Nóbrega tem feito com competência e que, portanto, merece apoio".

DÍLSON FUNARO, ex-Ministro da Fazenda — "Sem reformas profundas e com a ameaça iminente de uma inflação de 1.000%, o País caminha rumo a uma crise sem precedentes em sua história. Submeter-se ao pagamento dos juros da dívida com o rigor que o Brasil está se submetendo, sem uma rediscussão de âmbito internacional para tentar negociações mais favoráveis e sem ter de comprometer todo o superávit da exportação para pagar os juros, como vem acontecendo atualmente, às custas da contenção das importações, o problema da recessão se torna um fato consumado".

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES, economista e professora — "As indicações são de que o Governo perdeu o controle da inflação. O próprio Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, acredita que não pode fazer nada porque o Governo federal não tem credibilidade. A saída do atual Governo são as próximas eleições ou uma eventual ditadura militar. Para esses problemas econômicos, o melhor mesmo é chamar os políticos profissionais e os psicólogos, pois estes, pelo menos mudam a terapia quando ela não funciona, enquanto que os economistas têm idéias fixas na cabeça e levam muito tempo para mudá-las.

EDUARDO ROCHA AZEVEDO, Presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) — "O risco de hiperinflação é muito grande, já que as taxas poderão mudar do atual patamar de 20% para 30% ou até mais, isto a curto prazo. Mas o principal risco é o político, já que não se pode descartar a possibilidade de golpe.

